

## Os surdos na Emefm Vereador Antonio Sampaio - um breve relato

Claudia Alastruey Muntaner<sup>1</sup>

**Resumo:** Os pré-conceitos a respeito dos surdos implicam em ideias muitas vezes erradas a respeito de seu aprendizado. Este texto pretende esclarecer alguns desses desvios do senso comum e também relatar, brevemente, a história da entrada e permanência dos surdos na EMEFM Vereador Antonio Sampaio.

**Palavras Chave:** surdos, pré-conceitos. SAAI, EMEFM Vereador Antonio Sampaio.

**Abstract:** Prejudice about deaf people imply wrong ideas about their learning. This paper is on these deviations and also reports history of deaf people in EMEFM Vereador Antonio Sampaio.

**Keywords:** deaf people, prejudice. SAAI, EMEFM Vereador Antonio Sampaio.

### O surdo - breve panorama sobre ser surdo e pré-conceitos a respeito da surdez

Sempre que vou falar sobre surdez e surdos começo com uma comparação com o personagem de Tom Hanks no filme O Terminal: alguém que desembarca em um lugar no qual ninguém fala sua língua, ninguém entende o que ele quer, seus anseios, suas dúvidas, seus medos...

No filme o personagem é um adulto que aos poucos vai se adaptando à situação, fazendo amigos, lidando com as situações problema que aparecem e com as pessoas que dificultam sua vida. O mesmo acontece com os surdos. Eles, em sua maioria absoluta, não compartilham da mesma língua de seus pais, uma vez que 90% dos surdos nascem de pais ouvintes<sup>2</sup>. Porém, desde a mais tenra infância, passam pela mesma situação que o personagem do filme.

Esta situação ímpar somada ao fato de que, novamente, na maioria das vezes, a percepção da surdez nos filhos não acontece nos primeiros meses de vida da criança, mas somente quando a criança entra na escola, por volta dos três ou quatro anos, o que acarreta um atraso na aquisição da língua de sinais que constitui a língua natural dos surdos.

Além disso, há a construção de vários estereótipos e pré-conceitos em relação ao surdo, baseados nesses fatos, sendo os mais frequentes o senso comum de que o surdo seria nervoso, não desenvolveria pensamento abstrato ou que bastaria escrever para comunicar-se com ele.

Vejamos a primeira ideia: todo surdo é nervoso. Voltemos ao exemplo do filme. Imaginemos nosso personagem com sede, muita sede, pedindo água e não sendo compreendido por ninguém. É claro que ele encontraria um a forma de se fazer entender. Uma criança pequena também. Talvez apontando. Agora imaginemos que

---

<sup>1</sup> Pedagoga. Psicopedagoga. Mestre em Educação. Professora concursada de Ensino Fundamental I da rede municipal de São Paulo. EMEFM Vereador Antonio Sampaio. Atua como professora de SAAI.

<sup>2</sup> Ouvinte: pessoa que ouve.

ela queira um brinquedo que está nas mãos de outra criança ou que foi tomado por outra criança e nenhum adulto tenha percebido. Como fazê-los entender a situação? Uma vez estabelecida a comunicação e o problema resolvido, a criança não tende a acalmar-se? O problema então não é de temperamento, mas de falta de comunicação, falta de uma língua em comum que possibilite uma interação linguística efetiva entre o surdo e o meio em que ele está inserido.

A segunda ideia está ligada ao fato de que muitos sinais são icônicos, representando a materialidade do objeto ou remetendo a algum traço do objeto sinalizado. Cabe aqui uma breve explicação sobre a língua de sinais. Esta é gesto-visual, pois é feita por meio das mãos, tendo sua gramática, morfologia, semântica e sintaxe definidos pela posição das mãos e pelas expressões corporais e faciais. Sua interpretação é realizada pelo receptor que, necessariamente, precisa olhar para o emissor para poder compreender a mensagem por ele transmitida. Sua transposição para o português escrito pode ser dificultado em função justamente de sua gramática ser corporal, sendo a passagem para o português escrito nem sempre um aprendizado simples para o surdo.

Aqui já entramos na terceira premissa do senso comum: de que basta escrever para comunicar-se com o surdo. Muitas vezes o surdo não compreende o que lê, veremos isso depois, e sua escrita pode parecer um pouco confusa para quem não conhece a língua de sinais, como no exemplo abaixo:

*Amanhã, eu sou ... a minha do mãe foi tem se reunião escola. (msn de aluno perguntando para mim se haveria reunião de pais e mestres no dia seguinte)*

Realizada esta pequena explicação, voltemos ao problema referente ao fato de que o surdo não desenvolveria o pensamento abstrato. Esta ideia tem por base o pré-conceito de que a língua de sinais não seria uma língua, apenas um conjunto de gestos ou uma linguagem. Como disse acima, há uma série de sinais que são icônicos porém, há muitos outros sinais que são abstratos e, como qualquer outra língua, há sinais e combinações de sinais que são aleatórios ou que possuem raiz em sinais muito antigos<sup>3</sup>.

Como podemos rapidamente ver, há uma série de pré-concepções a respeito dos surdos que permeiam o imaginário da sociedade e, portanto, dos profissionais que trabalharão com eles na escola regular e que muitas vezes não tiveram nenhum contato com o surdo antes do ingresso dele em sua turma de alunos.

### **A inclusão do surdo na Emefm Vereador Antonio Sampaio: um breve histórico**

Os surdos chegam à escola municipal de ensino fundamental e médio Vereador Antonio Sampaio em 2003, quando pouco se falava de inclusão. As escolas da prefeitura de São Paulo são agrupadas por proximidade e cada grupo de escolas fica sob a responsabilidade de um Departamento Regional de Educação (DRE). Pois bem, na DRE a que nossa escola pertence há uma escola para surdos a EMEBS Madre Lucie Bray, que em 2002 formava sua primeira turma no ensino fundamental. Nesse ano realizou-se uma reunião com as duas escolas da região que oferecem Ensino Médio e pertencem à Prefeitura para ver qual a possibilidade de atenderem seus formandos.

---

<sup>3</sup> Em LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais) há todas as figuras de linguagem e gêneros como em qualquer língua oral.

Eu já fazia parte do quadro de professores de nossa escola e, por isto podia ser uma facilitadora para a inclusão dos alunos surdos e nossa escola ofereceu-se para receber esses alunos no ano seguinte.

Portanto, em 2003, os alunos iniciaram seus estudos no Ensino Médio. Era apenas uma sala. Contavam comigo como intérprete e professora de reforço. Eu também orientava, esclarecia as dúvidas e ensinava LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais) para os professores. Foi um ano muito produtivo e enriquecedor.

Nossa primeira turma a concluir o Ensino Médio formou-se em 2005. Hoje contamos com quatro salas de Ensino Médio, do primeiro ao terceiro ano, com alunos surdos e ouvintes. Cada sala é acompanhada por um intérprete e eu atuo na SAAI, que a seguir explico seu papel nesse processo.

Este foi um breve histórico de como a inclusão de surdos começou em nossa escola.

### **O trabalho da SAAI como facilitador do processo de aprendizagem do aluno surdo**

A SAAI (Sala de Apoio e Acompanhamento à Inclusão) tem a função de auxiliar no processo de inclusão de alunos com deficiência na escola regular. Realiza isto por meio do atendimento no contra turno dos alunos deficientes que necessitassem de auxílio para acessar o currículo, além de orientar os professores e demais profissionais da escola sobre as necessidades e potencialidades dos alunos com deficiência que frequentam a escola.

No caso dos surdos, a SAAI orienta os professores sobre a importância da utilização de recursos visuais (os surdos são por natureza visuais) para que os surdos apreendam melhor os conteúdos e conceitos apresentados em sala de aula; utilização de esquemas e mapas conceituais pois estes também são recursos visuais que facilitam a fixação dos conceitos trabalhados.

Também há uma conscientização sobre a escrita em língua portuguesa que a maioria dos surdos apresenta, como exemplificamos anteriormente, e que é objeto de trabalho da SAAI no sentido de aproximá-la da escrita convencional do português, sem negar a LIBRAS, por meio da gramática constrativa, que consiste na comparação das semelhança e diferença entre os dois idiomas para que se possa construir a escrita em um dos idiomas sem detrimento do outro.

Na SAAI trabalho a ansiedade do aluno surdo, sua baixa autoestima na medida em que ao comparar-se com o aluno ouvinte e a facilidade que este tem de compreender<sup>4</sup> os conceitos que são transmitidos em aula e a motivação para aprimorar sua escrita do português pois compara o que escreve com o que o ouvinte escreve.

Por meio de atividade em que o surdo atue como protagonista de seu aprendizado e seja levado a pensar sobre o significado e o significante das palavras e vocábulos que não conhece mas são essenciais para compreender comandos, enunciados, textos; para poder expressar suas ideias com precisão; o aluno surdo torna-se o ator de seu aprendizado, construindo sua autonomia na aprendizagem e, conseqüentemente na vida.

### **Considerações finais**

O presente texto teve como objetivo contribuir para esclarecer alguns pré-conceitos que permeiam o imaginário da sociedade ouvinte a respeito dos surdos e que

---

<sup>4</sup> Pois domina a mesma língua que o professor.

podem influenciar os professores no momento em que se deparam com alunos surdos em suas salas de aula. O aluno surdo, quando usuário de LIBRAS, necessita de um intérprete e se sente dificuldade no aprendizado, mesmo que realize leitura labial, isto não garante a compreensão do cem por cento do que lhe é dito.

Em nossa escola o trabalho contou como facilitador a disposição para conhecer o novo que fez com que os surdos se sentissem acolhidos e repetidos como alunos e os alunos ouvintes aprendessem a conhecer e conviver com o novo, com uma nova língua e, até, com uma nova possibilidade profissional (ser intérprete de LIBRAS).

Estes onze anos de convivência com os alunos surdos no Ensino Médio somente nos fizeram crescer enquanto escola e nos enriqueceram enquanto seres humanos.

Recebido para publicação em 18-01-14; aceito em 16-02-14